



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
CAMPUS BENFICA
CURSO DE PEDAGOGIA**

BRENA DUARTE BRÍGIDO

**(AUTO) BIOGRAFIA E EDUCAÇÃO: REMEMORAR PARA A CONSTRUÇÃO
DE UMA PRÁTICA DOCENTE RESPEITOSA**

Fortaleza – CE

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B864(Brigido, Brena Duarte.
(AUTO) BIOGRAFIA E EDUCAÇÃO: REMEMORAR PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA
PRÁTICA DOCENTE RESPEITOSA / Brena Duarte Brigido. – 2023.
43 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará,
Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia
, Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof. Dr. Ronaldo de Sousa Almeida.

1. Autobiografia. 2. Formação docente. 3. Escola Militar. I. Título.

CDD 370

BRENA DUARTE BRÍGIDO

(AUTO) BIOGRAFIA E EDUCAÇÃO: REMEMORAR PARA A CONSTRUÇÃO
DE UMA PRÁTICA DOCENTE RESPEITOSA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Faculdade de Educação da Universidade
Federal do Ceará, como exigência parcial
para obtenção do diploma em Pedagogia,
sob orientação do Prof. Dr. Ronaldo de
Sousa Almeida.

FORTALEZA

2023

BRENA DUARTE BRÍGIDO

(AUTO) BIOGRAFIA E EDUCAÇÃO: REMEMORAR PARA A CONSTRUÇÃO
DE UMA PRÁTICA DOCENTE RESPEITOSA

Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia no Departamento de
Fundamentos da Educação da
Universidade Federal do Ceará,
como requisito parcial para obtenção
do grau de Licenciatura em
Pedagogia.

Aprovada em /12/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Drº. Ronaldo de Sousa Almeida - Orientador
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profª. Drª - Ingrid Louback de Castro Moura
Universidade Federal do Ceará

Prof.ª Drª – Robéria Vieira Barreto Gomes
Universidade Federal do Ceará

Dedico este trabalho à minha família e amigos que me apoiaram e torceram pelo meu sucesso desde o momento que iniciei meu caminho como estudante, também aos professores que atravessaram minha jornada contribuindo com a professora que me torno hoje.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que fizeram tudo por mim e pela minha educação, proporcionando o melhor que podiam e que me ensinaram, em meio aos desafios, nunca desistir dos meus objetivos.

À minha família, em especial minha prima Amanda, por ser apoio e inspiração em todos os momentos.

Aos meus amigos, os que chegaram e ficaram, que me ensinaram cada um com sua peculiaridade, agregaram no meu percurso. Amigos de infância e aos conquistados na vida adulta, obrigada pelo acolhimento, conselhos e alegria até nos momentos mais obscuros.

Ao meu namorado Lucas, por ser suporte, incentivo e por vibrar a cada conquista como se fosse a sua.

À minha sogra Djanira, por acreditar no meu potencial, por ser inspiração como mulher, profissional e educadora.

Aos colegas de trabalho que ao longo dos anos me permitiram ter sua companhia e aprender com eles.

Aos meus alunos, que pude ter o prazer de aprender e crescer como profissional e ser humano.

Agradeço também a todos os professores que tive até aqui, foi com vocês que pude construir e reconstruir minha prática docente.

Às professoras Ingrid Louback e Robéria Gomes por dividirem seus conhecimentos e comporem a banca do TCC (Trabalho de conclusão de curso).

Ao professor Ronaldo Almeida, orientador ímpar, que possibilitou um processo de escrita leve e acreditou em mim.

De tudo ficaram três coisas: a certeza de que estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo, fazer da queda, um passo de dança, do medo, uma escada, do sonho, uma ponte, da procura, um encontro. (SABINO, 1967, p.154)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo relatar e refletir acerca de algumas experiências vividas em um contexto de escola militar que, em colaboração as análises feitas a partir de estudos teóricos no curso de Pedagogia, corroboraram para uma reflexão de uma docência respeitosa e que busca considerar as especificidades dos estudantes. A pesquisa segue o modelo de uma pesquisa qualitativa, usando como ferramenta a escrita autobiográfica, com embasamento teórico de Josso (2002) e Freire (2000). A escrita do trabalho se debruça sobre relatos pessoais da história familiar e de escolarização, cujo enfoque principal remete aos aspectos da ação docente vivenciados em uma escola militar, bem como a busca de sentido da narradora no decurso da formação docente, ao longo da graduação em Pedagogia. Por meio da pesquisa, os relatos permitem uma reflexão que se faz presente na prática docente que busca uma educação acolhedora e que permite a liberdade dos alunos. O estudo conclui que, através do exercício da escrita autobiográfica, foi possível rememorar, narrar e refletir sobre o papel do(a) professor(a) para a efetivação de uma prática reflexiva, respeitosa e construtiva. A partir de todos esses aprendizados, levo para meus anos que se seguirão, dentro de sala de aula: humanidade, empatia, respeito e amor pela profissão.

Palavras-chave: autobiografia; formação docente; escola militar.

ABSTRACT

The present assignment objective consists in exposing lived past experiences in a military school context, which in collaboration with the analysis made from theoretical studies in the pedagogy course, corroborate for a reflexion on a student oriented teaching. The research follows the quality model, using autobiographic writing as tool, with theoretic basement of Josso (2002) and Freire (2000). The assignment's writing leans over military school life story reports and the search for meaning on teaching formation, coming to graduation. The study concludes that through the exercise of autobiographic writing, it has been possible to remember, narrate and reflect about the tutor's part for an effectiveness of a reflexive, respectful and constructive practice. From all these learnings, i take what will be carried for the years to come inside the classroom: humanity, empathy, respect and loving for the profession.

Palavras-chave: autobiography; teaching formation; military school.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	O COMEÇO DO CAMINHO	15
2.1	Tornar-me estudante	15
2.2	O Colégio Militar	19
3	AÇÃO DOCENTE NO CONTEXTO DO COLÉGIO MILITAR DO CORPO DE BOMBEIROS ENTRE OS ANOS DE 2003 A 2012	24
3.1	A quem posso chamar professor?	24
3.2	As violências veladas	28
4	À LUZ DA PEDAGOGIA: A BUSCA DE SENTIDO NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE	32
4.1	Aos professores, com carinho	33
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
6	REFERÊNCIAS	41

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico discorre sobre as experiências escolares e acadêmicas que influenciaram minha visão de educação e de prática docente atual. Uma narrativa feita a partir de fragmentos de memórias de fatos acontecidos desde minha primeira infância até o contexto atual de minha graduação. Utilizo a estratégia metodológica da rememoração de fatos para analisá-los e criticá-los como instrumento de formação e autoformação, sobretudo no que concerne à docência. Tais análises emergiram com mais força a partir da minha experiência como discente no componente curricular optativo Autobiografia e Educação, no curso de Pedagogia da UFC.

A memória, quando resgatada e refletida, pode se converter em consciência crítica de momentos que atravessam a vida de um sujeito. Passar por algumas situações, estar em certos ambientes, conhecer determinadas pessoas são experiências que marcam e, de alguma forma, moldam seu olhar, tornando-o crítico para escolher onde você quer estar e onde chegará. Além do apelo emocional, que pessoalmente permeia a maioria de minhas escolhas conscientes, minhas memórias compõem um conjunto de representações e repertório de ações que me trouxeram ao que sou hoje, cujos rebatimentos interferem e influenciam minhas escolhas futuras, principalmente no meu fazer docente.

A escola em que estudei, ambiente em que se passa a maioria de minhas memórias de infância e adolescência, tem a importância fundamental em determinar minhas práticas em sala de aula, em que hoje, sou professora e não mais aluna. Um espaço que prezo para os meus alunos que seja acolhedor, confortável e de respeito, vem do que, na minha vivência, não tive.

Ao estudar em uma escola militar tive alguns traumas, conflitos e silenciamentos que construíram um olhar sensível para uma docência que respeita e acolhe o educando, trazendo a afetividade como uma forma singular para acessar e promover o desenvolvimento particular de cada criança.

A escrita autobiográfica como recorte metodológico para a presente pesquisa qualitativa foi escolhida justamente pelo exercício diário feito à luz da criticidade da rememoração dos fatos acontecidos ao longo dos anos para a construção social do ser que sou hoje. A escrita sobre si pode ser um caminho árduo e doloroso, mas contribui de forma generosa a formação humana do docente.

Para Josso (2002), a abordagem biográfica é “um caminhar para si”, e que se articula as diferentes significações que o sujeito constrói de si mesmo em suas narrativas, o que torna a narrativa um meio de reflexão e autoavaliação sobre suas experiências e aprendizagens ao longo da vida. (JOSSO, 2002 apud ALVES. 2015, s/p.)

É a partir desse pensamento, trazendo a autorreflexão ao rememorar acontecimentos vividos durante os anos escolares, entre o Ensino Fundamental e Médio cursados em escola militar que utilizo o método autobiográfico como instrumento de pesquisa.

O presente trabalho visa rememorar, narrar e discutir alguns episódios da minha experiência escolar, tecendo críticas sobre elementos do modelo da escola militarizada, tendo como referência analítica estudiosos da teoria crítica e progressista, cujos apontamentos contribuem para repensar a prática docente. Nesta perspectiva, Freire (2000, p. 75) assevera que, estudar o passado é fundamental para trazer à "memória de nosso corpo consciente" o motivo de muitos acontecimentos do presente, para não os repetir, ao mesmo tempo em que se vai além das marcas deixadas.

Assim, o trabalho se organizará em detrimento de um objetivo geral: rememorar e discutir acontecimentos da vida escolar durante a Educação Básica em detrimento da crítica ao modelo de escola militar para a formação docente. Dessa forma, apresentam-se 3 objetivos específicos da pesquisa:

- a) Analisar o modelo pedagógico e o contexto escolar de um Colégio Militar;
- b) Refletir acerca de algumas ações docentes marcantes no período escolar e suas repercussões no meu olhar sobre a docência;

- c) Descrever momentos da formação inicial, período em que consiste a graduação em Pedagogia na Universidade Federal do Ceará, que despertaram o pensamento crítico acerca da autorreflexão docente.

A narrativa autobiográfica que está sendo construída ao longo do trabalho se inscreve no modelo de pesquisa qualitativa, a qual traz a necessidade de enfatizar acontecimentos e reflexão teórica levando-se em conta as questões subjetivas.

Nessa mesma direção, Neves (2010) advoga que:

O estudo autobiográfico permite o encontro de múltiplas possibilidades onde o eu pessoal dialoga com o eu social – sou a autora e a narradora do texto ao mesmo tempo e, por meio da autoescuta, posso comunicar ao mundo determinadas coisas que avalio serem importantes (NEVES, 2010, p.125).

Nesse tipo de pesquisa é fundamental a presença do pesquisador como sujeito principal na narração dos fatos e dados coletados que são principalmente descritivos. Além do trabalho de rememoração, a reflexão permanente aliada a uma discussão teórica, faz uma importante diferença para as reflexões possíveis de serem feitas pela narradora.

Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam os fenômenos em seus cenários naturais, tentando entender os acontecimentos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. Alguns autores estarão presentes ao longo da escrita para a robustez da pesquisa quanto ao seu cunho qualitativo, entre eles estão Josso (2002), Saviani (2000), Freire (2002) e Luckesi (1990).

O trabalho segue dividido, após esta Introdução, em 3 capítulos divididos da seguinte forma: no segundo, rememoro aspectos familiares e de escolarização, com o título “O começo do caminho”. No terceiro relato aspectos da “Ação docente no contexto do Colégio Militar do Corpo de Bombeiros entre os anos de 2003 a 2012”. No quarto capítulo narro as questões ligadas à formação inicial e os despertares promovidos na caminhada da graduação intitulado “À luz da pedagogia: a busca de sentido na formação inicial docente”.

Cada capítulo contém discussão teórica para corroborar hipóteses levantadas pela autora acerca de relatos autobiográficos sobre o tema que se propõe a falar. A escrita se organiza como um encaminhamento da história pessoal, seguindo por uma lógica cronológica, desde a infância até a o início da vida adulta. Bourdieu (1996) afirma que, seja um relato biográfico ou autobiográfico, tendem ou pretendem organizar-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis, visto que o relato autobiográfico se propõe, ao narrar fatos pessoais da história do autor, trazer objetivo e fazer sentido ao leitor.

2. O COMEÇO DO CAMINHO

Início a escrita deste trabalho fazendo o resgate dos instantes em que me recorro para a construção da minha identidade enquanto estudante. A trajetória de qualquer ser pensante (no sentido da socialização primária) se dá primeiramente no seio de sua família, conforme destacado por Vygotsky (1991), a família se constitui como sendo a principal instituição social para a criança, conseqüentemente, este grupo deve receber condições básicas para a formação delas.

A análise sobre como se constroem essas primeiras relações é de suma importância para entendermos melhor o processo de desenvolvimento de qualquer criança e, não obstante, trago minhas primeiras memórias do ambiente em que essas relações foram desenvolvidas e cultivadas fora do âmbito familiar, a escola.

2.1 Tornar-me estudante

O passado é vivido todos os dias, seja pela inconsciência da temporalidade, quando trazemos à tona momentos ou traumas vividos como se tivessem acontecido hoje ou pela forma consciente de resgatar a memória para analisar o presente vivido. Gosto de pensar que tudo que vivi me trouxe ao momento que estou, deixando marcas significativas, e nesse movimento de idas e vindas da memória, construo meu ser. Essa minha característica vem de berço e foi uma gostosa coincidência ter me deparado com o exercício de rememorar esses pedaços da história junto com a disciplina de Autobiografia e Educação, cursada durante minha graduação.

Meu caminho percorrido até aqui sempre teve a educação como base e força para todos os movimentos que alcancei ao longo dos anos, seja por acreditar na mudança em que trouxe para minha vida, pelos reflexos dentro da minha família em que admirei professores ou por defender e até romantizar, que a educação é um instrumento potente na vida das pessoas.

Sendo filha da classe trabalhadora, lembro-me de Paulo Freire quando nos traz a concepção da educação como instrumento de transformação do mundo e de si mesmo através de uma educação política, reflexiva. Tal perspectiva favorece a construção de um sujeito ativo de sua trajetória e atuante no mundo. Em suas palavras, lemos:

Daí que se identifique com o movimento permanente em que se acham inscritos os homens, como seres que se sabem inconclusos; movimento que é histórico e que tem o seu ponto de partida, o seu sujeito, o seu objetivo (...) mas, como não há homens sem mundo, sem realidade, o movimento parte das relações homens-mundo (FREIRE, 2014, p.103).

Minha história começa a partir do encontro de dois jovens, meus pais, que tiveram uma vida escolar pautada na educação pública de Fortaleza - Ce. Minha mãe, Rosiane, cursou até o Ensino Médio. Casou-se cedo, morava só com minha avó, D. Francisca, que já era idosa e apresentava vários problemas de saúde. Por esse motivo, não teve alternativa em continuar seus estudos, viviam só com a aposentadoria da minha avó e levavam uma vida simples. Minha mãe passava seus dias como dona de casa e cuidando da sua mãe. Com o casamento, meu pai, Francisco, que também cursou até o Ensino Médio, foi morar na casa da minha avó. Na época, meu pai trabalhava como trocador de ônibus, o que não mudava significativamente a renda da família.

Logo no primeiro ano de casamento minha mãe engravidou de mim e com o meu nascimento, desde o primeiro instante, o desejo da família era que o meu futuro fosse diferente da realidade deles. Meus pais me contam que sonhavam que eu cursaria Faculdade, a primeira da família a ingressar e que isso mudaria meu futuro.

São memórias latentes que desde muito nova, meus pais reforçavam que só a educação poderia me dar a oportunidade de um futuro digno. Esse saber genuíno de que a educação possibilitaria uma ação transformadora na minha vida está traduzido nas palavras de Marque (2006) quando expressa: “a educação libertadora proporciona ao indivíduo condições para atuar na transformação de si e da realidade.”

O lar organizado no qual convivi, no sentido de pais que queriam o melhor para mim e que zelavam pelos meus estudos, sempre me deu um impulso a mais

pela busca dos meus objetivos, e foi a partir do sonho deles de ter um futuro digno e com melhores oportunidades, que este se tornou o meu também.

O início da minha trajetória como estudante se deu por volta do ano de 1998, quando, a contragosto dos meus pais, me matricularam em uma creche municipal. Quando digo a contragosto, se dá pelo desejo não realizado de me matricular em uma escola particular, que pelo entendimento deles, seria uma educação diferenciada que eu receberia. Pelos limites financeiros da família, esse sonho nunca pode ser realizado.

A creche era um lugar de muito prazer para mim, por ter sido filha única até os 11 anos, o ambiente escolar e o convívio com os meus colegas, eram os momentos em que eu tinha alguém para conversar, brincar e aprender, em outros momentos era o meu refúgio para escapar da relação conturbada de meus pais.

Tenho muitas memórias da escola nessa época, acho que o que contribui para guardá-las até hoje, é que foram construídas com muito afeto envolvido. Lembro até do cheiro do sabonete que as professoras nos davam banho no chuveirão que tinha no meio do jardim, que inclusive, eram ocasiões festivas quando tínhamos esse momento. As professoras costumavam explorar o simples que em conjunto com muito amor e dedicação, se tornaram boas lembranças para mim.

O que me marcou também foram os momentos de alimentação, os lanches eram muito gostosos. Uma imagem forte que tenho em minha memória era da minha professora de alfabetização, que gostava muito de conversar comigo e era a única que ficava até eu comer a última colher do prato.

A afetividade neste período da infância, dentro da creche foi crucial para guardar memórias que tenham tanto significado até hoje para mim. Chalita (2004, p. 33) que nos traz que: “[...] afetividade é ter afeto no preparo, afeto na vida e na criação. Afeto na compreensão dos problemas que afligem os pequenos [...]”.

Conforme a definição, podemos perceber a importância da construção de vínculos, a partir da afetividade, entre professores e crianças, principalmente na educação infantil. Lisboa (apud AMORIM, NAVARRO, 2012, p. 3), nos traz a reflexão acerca desse assunto quando diz:

[...] as creches e escolas são de grande importância para desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças [...]. Nesses locais, elas têm de aprender a brincar com as outras, respeitar limites, controlar a agressividade, relacionar-se com o adulto e aprender sobre si mesma e seus amigos, tarefa estas de natureza emocional [...] fundamental para as crianças menores de seis anos é que elas se sintam importantes livres e queridas.

Esse episódio traz um misto de sentimentos ao ser lembrado, sinto saudade da professora, dos meus amigos, mas também trago comigo a reflexão do significado que esse momento teve em minha infância. Rememorar tais episódios possibilita reflexões sobre o tipo de educação que defendo, pois é a presença do passado e, ao mesmo tempo, do agora, uma vez que é o “presente” indagando ao “pretérito”, possibilita aos sujeitos uma reconstrução constante de si e do universo que habitam, constituindo-se um elemento de construção das identidades, bem como da percepção de si e dos outros. (ROUSSO, 2006)

A partir de leituras, percebi que passei por traumas que marcaram minha infância. Sempre fui uma criança magra e que não comia muito, mas por demorar um tempo a mais para comer, era punida e como castigo não podia ir ao parquinho até que terminasse o almoço, aquilo para mim foi uma tortura.

A Educação Infantil foi, para mim, um caminho trilhado regado a experiências, em sua maioria, felizes, que com o empenho de minhas professoras, carrego comigo até hoje em minha prática. O acolhimento, afeto e capricho em proporcionar momentos significativos em minha curta trajetória faz com que eu replique, à luz de teorias, oportunidades para as crianças com que trabalho um desenvolvimento global com respeito, significado e compreensão. Segundo a LDB em seu artigo 29:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (LDB, 9394/96).

Até o ano de 2002, data em que cursei a série alfabetização, a Pré-escola contemplava crianças até os 6 anos de idade. A partir da Lei Federal nº 11.274, de 06 de fevereiro de 2006, o Governo Federal instituiu o Ensino Fundamental de 9 anos, com prazo de implantação até o ano de 2010, incluindo a faixa etária de atendimento à Pré-escola, nos sistemas de ensino, ficando delimitada às idades de 4 e 5 anos.

Ao chegar ao final do ano, minha família se viu em uma situação sem muitas esperanças, pois o Ensino Fundamental só poderia ser cursado em escola pública, o que para os meus pais, não seria uma educação de qualidade. A alternativa que eles tiveram foi a descoberta de um colégio público que tinha um diferencial, o ensino militar. Minha mãe fez a inscrição para a prova de seleção para o Colégio Militar do Corpo de Bombeiros, na época, um colégio que estava em seu começo, mas que tinha um apelo grande da sua educação estar atrelada à disciplina proporcionada pelos militares.

A preparação que tive foi através de um caderno cheio de exercícios elaborados por minhas tias, irmãs do meu pai, que eram professoras de Educação Infantil do município, mulheres que me inspiraram em suas práticas, dedicação e acolhimento com seus alunos.

Apesar da pressão pela situação, afinal era uma seleção que mudaria o rumo do meu futuro, meus pais traziam para esse momento uma leveza de que independente do resultado, eles já sentiam muito orgulho. Em dezembro de 2002 saiu o resultado da seleção, no qual era divulgado por meio do jornal Diário do Nordeste, lá estava meu nome, mesmo que não sabendo da importância do momento, comemorei com a minha família a grandiosidade do novo capítulo que estava se iniciando.

2.2 O Colégio Militar

Minha família, ao procurar a instituição Colégio Militar do Corpo de Bombeiros, não sabia ao certo qual repercussão o modelo pedagógico e o educacional trariam incisivamente na minha vida escolar e pessoal. Suas escolhas sempre foram para que eu tivesse um futuro digno e com oportunidades melhores das que eles tiveram. Com esse desejo comecei a cursar a primeira série do Ensino Fundamental e continuei no colégio até o segundo ano do Ensino Médio, cuja saída se deu pelo ingresso na Universidade Federal do Ceará.

A chegada ao colégio se iniciou com um esforço grande por parte da minha família, porque ao contrário das outras escolas públicas, o uniforme, que na verdade é um fardamento tal qual as instituições militares usam, são de responsabilidade do aluno e o custo para o tal, para minha família que tinha uma renda limitada, era alto. Minha permanência também foi esforço em conjunto de

todas as pessoas da minha família, devido aos custos das mensalidades, que eram remodeladas por “doação espontânea”.

A criação do Colégio Militar dos Bombeiros do Estado do Ceará está respaldada pela Lei nº 12.999, de 14.01.00 pelo artigo 1º, conforme pode-se constatar abaixo:

Art. 1º. Fica autorizada a criação, por ato do Chefe do Poder Executivo, de colégios militares que deverão integrar as estruturas organizacionais da Polícia Militar do Estado do Ceará e do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará, inclusive com a absorção do corpo de alunos atualmente matriculados na instituição comunitária de educação, administrada por associação civil, que funciona com apoio do Corpo de Bombeiros Militar, bem como do corpo de professores do quadro efetivo, e de estáveis no serviço público, e de alunos da instituição de educação criada nos termos da Lei estadual nº 4.945, de 9 de setembro de 1960.

De acordo com os artigos institucionais vigentes, uma das competências a serem contempladas pela instituição é atender aos dependentes legais dos militares da Polícia e do Corpo de Bombeiros para que tenham a assistência ao ensino de qualidade ao que compete o Ensino Fundamental e Médio. Por direito, 50% das vagas oferecidas ficam disponíveis aos civis que tenham interesse em matricular seus filhos no colégio. Meus pais não sabiam e nem tinham acesso ao que, por lei, me era garantido a partir do momento que estava matriculada na escola e eu pela ingenuidade de criança não tinha ideia do que me aguardava.

Uma das competências que a legislação federal e estadual traz em vigor é a de despertar a vocação para a carreira militar, que é posto a todo momento, principalmente com os alunos quando o tratamento é aplicado igualmente entre alunos e militares. A disciplina em questão está em elementos visíveis como o uso de fardamento, onde a utilização da mesma, dentro e fora do ambiente escolar, tem regras a serem cumpridas, passíveis de punição sem cunho pedagógico para o descumprimento de ordem. Patentes¹ a serem aplicadas como uma espécie de “recompensa” de acordo com o desempenho escolar do estudante, respeito ao cumprimentar um militar dando continência ao seu

¹ A patente é um sistema hierárquico que estabelece diferentes níveis de autoridade dentro da instituição. As patentes são concedidas aos alunos com base em critério de notas. A cada ano o aluno que conferisse os primeiros lugares da série entre os turnos manhã e tarde, ganhava a patente.

superior e outras regras que estavam escritas em regimento para o cumprimento de todo o corpo discente.

As regras que eram impostas às serem seguidas, na minha experiência enquanto estudante, violavam o controle do meu corpo e movimento, como os exemplos a seguir de algumas transgressões disciplinares:

5. Transitar ou fazer uso de vias de acesso não permitidas ao corpo discente; [...] 6. Fazer ou provocar barulho excessivo em qualquer dependência do colégio; [...] 14. Mascar chiclete ou similares nas dependências do CMCBCE ou quando uniformizado; [...] 22. Apresentar-se com o cabelo fora do padrão, deixando-os soltos com pontas ou mechas caídas (alunas), ou tingido de forma extravagante; [...] 23. Sentar-se no chão estando uniformizado (CMCBCE, 2023).

As transgressões disciplinares estão classificadas em leve, moderada, grave e eliminatória. As punições são de responsabilidade do corpo da Companhia de Alunos, seção da escola onde militares ficavam responsáveis pelas ações de orientação a formação integral dos alunos, supervisão, coordenação e controle das atividades do corpo discente no âmbito disciplinar. A repreensão para essas transgressões ia desde uma conversa com um militar, até a mais grave sendo o aluno expulso do colégio.

A rotina de uma escola militar se inicia na chegada dos alunos onde seguem uma cerimônia diária para apresentação das turmas, na maioria das vezes, também cantávamos o Hino Nacional ou do Estado. Em alguns momentos fui punida por me mexer durante a formalidade, levando para casa um termo que chamam de CAD (Comunicação de Alteração Disciplinar), onde o responsável deveria assinar o documento para indicar que estava ciente do ocorrido. Lembro-me também que existia uma nota para avaliar o comportamento disciplinar de cada aluno, e que, ao final de cada bimestre essa nota era lançada em boletim, usada em momentos de 'chantagem' para disciplinar as crianças em situações de 'desordem'.

A disciplina na instituição foi o principal ponto a ser escolhido pelos meus pais na escolha da escola, mas que, ao meu ver, trazia um misto de medo e repreensão para qualquer comportamento que manifestasse minhas características pessoais, além de que, em momento algum, na minha experiência, os alunos eram vistos como seres únicos e que possuem suas especificidades, porque constantemente éramos tratados como um batalhão de soldados.

Esse traço da escola militar vem desde muito tempo, como citam Alves e Toschi, (2019, p. 640):

(...) a presença dos militares na educação brasileira se evidencia com a Proclamação da República pelo Marechal Deodoro da Fonseca, no final do século XIX. Esse fato mostra a forte presença militar na vida social do país e na educação, por meio de introdução no currículo escolar, ao longo do século XX, de disciplinas como Ginástica, Educação Física, Escola de Tiro, Educação Moral e Cívica, Organização Social e Política Brasileira, Estudos de Problemas Brasileiros.

Apesar de todo descontentamento com alguns aspectos, que em minha análise, são as características predominantes no funcionamento pedagógico de uma escola militar, posso também afirmar que a estrutura do colégio, seu corpo docente e os incentivos por parte dos meus professores civis, me proporcionaram também momentos e aprendizados válidos até hoje.

Ainda que o objetivo principal do trabalho seja relatar as experiências desafiadoras e, sobretudo, negativas, vividas por esta autora em relação ao modelo escolar de uma escola militar, penso ser oportuno relatar também as contradições e rupturas com o modelo pedagógico vivenciadas no caminho trilhado em uma escola estruturalmente organizada sob o viés da disciplina controladora, numa acepção foucaultiana. Os relatos a seguir retratam exatamente tal perspectiva positiva vivenciada também na instituição.

Durante os anos de 2011 e 2012 participei de um projeto com convênio da FUNCAP (Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico), onde professores atuavam como tutores de projetos científicos em algumas áreas. Estava no primeiro ano do Ensino Médio, quando minha professora de geografia me convidou para participar de um grupo de estudos sobre Educação Ambiental. Durante dois dias na semana, pelo contraturno, estudávamos sobre assuntos que envolviam Educação Ambiental e as possibilidades de projetos que poderíamos implementar pela comunidade escolar.

Os resultados dos projetos eram submetidos em congressos, aqueles que eram aprovados, apresentávamos nos eventos. Tive a oportunidade de apresentar trabalhos em eventos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência em alguns estados como Maranhão e Recife. O custeamento ficava por conta do Governo do Ceará. Viajávamos com o ônibus do Corpo de Bombeiros

e os alojamentos eram em quartéis da corporação nos estados em que era realizado o evento.

Além da experiência de aprender a pesquisar, escrever artigos científicos e apresentar trabalhos em congressos, conhecíamos a cidade e me fez estreitar laços com a professora, que teve um papel fundamental como mentora, pois no ano de 2012 fiz o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), passei em Zootecnia, mas não sabia o que fazer com aquele resultado.

Meus pais não conseguiam me direcionar, não os culpo, mas precisava de um direcionamento, então quem me orientou sobre o que fazer, quais oportunidades aquele resultado me traria foi minha professora, que além de exercer seu papel como docente com maestria, se tornou uma figura de inspiração para mim.

A preparação para o vestibular no CMCB é rigorosa e, à medida que os anos passam, aumentam seus artifícios para prepararem os alunos para ingressar em universidades. Poucas escolas públicas em Fortaleza contam com tal aparato de professores comprometidos e parcerias importantes com instituições privadas.

Em 2012 cursei o segundo ano do Ensino Médio e obtive êxito em conseguir uma vaga na Universidade Federal do Ceará. Lembro-me com orgulho, pois tive sorte de contar com o aparato de preparação mesmo antes de ingressar no pré-vestibular. Os alunos com as melhores notas do segundo e terceiro ano do Ensino Médio tiveram bolsas de cursinho preparatório para o ENEM no Colégio Christus, escola que mantinha convênio. Aos sábados tínhamos laboratório de redação e alternadamente, laboratório de ciências da natureza, e foi assim, estudando de tarde e fazendo cursinho a noite que consegui um bom resultado no exame.

O Colégio Militar dos Bombeiros me proporcionou oportunidades incríveis, mas, a partir da análise teórica, pude perceber que momentos pontuais pela prática docente de alguns professores, aliado ao contexto de uma escola militar, me trouxeram alguns traumas e reflexão para uma prática futura.

3. AÇÃO DOCENTE NO CONTEXTO DO COLÉGIO MILITAR DO CORPO DE BOMBEIROS ENTRE OS ANOS DE 2003 A 2012

O Colégio Militar do Corpo de Bombeiros, escola a qual frequentei durante minha formação escolar básica nos anos entre 2003 e 2012, era composta por professores civis e militares. Por ser uma instituição estadual que mantém convênio com o Corpo de Bombeiros, o corpo docente é constituído através de uma seleção pública, onde advinham os professores e pedagogos civis e admissão por parte da corporação militar, onde se obtinham os profissionais militares.

Ao longo dos anos, várias situações vividas, em caráter formativo, digo isso pois se apresentaram durante aulas ministradas pelos professores, desencadearam processos traumáticos que reverberaram durante todo meu percurso como discente daquela instituição.

3.1 A quem posso chamar professor?

Minha admiração pela profissão e do fazer docente vem de família, mesmo antes de criar consciência do que era a profissão. Quando criança, tinha a inocência de achar que meus professores moravam na escola e que o ambiente escolar era sua casa, não passava pela minha cabeça que o ofício era comum como o de meu pai, que saía para trabalhar de manhã e retornava à noite.

Tenho duas tias, irmãs de meu pai, que foram professoras de Educação Infantil por muitos anos, atuados no município de Fortaleza. Sua dedicação para planejar aulas, construir materiais e oferecer, mesmo que pouco e a base de muito esforço, momentos de alegrias e oportunidades, quando contavam das conquistas das suas crianças, me saltavam aos olhos e me questionava como poderiam ter tanta dedicação para com pessoas que não eram da sua família, e foi assim me construí como admiradora da docência. Nesta perspectiva, Folle (2009) ressalta que a escolha pela profissão pode ser determinada por diversos aspectos da vida de uma pessoa, sejam sociais, pessoais, familiares e, até mesmo, educacionais.

Ao começar meu caminho como estudante, essa admiração só foi aumentando, porque percebi o mesmo empenho, dedicação e amor das minhas professoras dentro da creche. Ao chegar ao Ensino Fundamental e aos anos que seguiram, minha admiração foi dando espaço a dúvidas e medos de alguns profissionais que participaram desse caminho trilhado enquanto estudante.

Soares e Bejarano (2008) defendem que os julgamentos, as explicações, as interpretações e as atitudes dos professores nas práticas pedagógicas são fundamentadas em suas crenças, não só profissionais, mas também naquelas constituídas no percurso de vida pessoal. Sendo assim, a constituição do pensamento para me tornar professora leva em conta a subjetividade de cada ser que atravessou meu caminho.

Entre os anos de 2003 a 2012 cursei o Ensino Fundamental até o segundo ano do Ensino Médio no Colégio Militar do Corpo de Bombeiros, onde o aluno deveria dar o máximo de si para alcançar um bom desempenho através de provas e notas que culminavam em premiação ao serem agraciados com “patentes” tal qual os militares da corporação.

O ensino superficial que não considera as questões individuais e subjetivas dos estudantes é característica da Pedagogia Liberal, que é a base do tradicionalismo, cujas características são descritas por Saviani (2000, p, 18): “A escola se organiza, pois, como uma agência centrada no professor, o qual transmite, segundo uma gradação lógica, o acervo cultural aos alunos. A estes cabe assimilar os conhecimentos que lhes são transmitidos”.

O colégio militar, principalmente, (a partir das análises críticas com base na minha experiência), carrega consigo tais características, não envolvendo propostas pedagógicas significativas para o caminho do educando, sem considerar a história, realidade social, classe social, deixando o conteúdo totalmente alheio à realidade em que o sujeito está inserido.

O professor assume o papel principal dentro da sala de aula, onde detém todo o conhecimento, enquanto os alunos estão, de forma passiva, recebendo o conteúdo. Paulo Freire critica esse modelo de educação, ao qual ele denomina como Educação Bancária, onde o professor deposita seu conhecimento e o aluno só memoriza o conteúdo. Segundo Freire (2002),

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca. (p. 58)

Dentre os objetivos da escola, está o de formar cidadãos para atuarem em sociedade, mas dentro desse modelo, os alunos não se adaptam a um modelo já existente, pois suas vivências e histórias de vida não são consideradas. A construção de um currículo deve levar em conta a trajetória histórico-social do aluno.

Entende-se currículo como uma construção social, diretamente ligada a um momento histórico, a uma determinada sociedade e às relações que esta estabelece com o conhecimento. No currículo, múltiplas relações se constituem explícitas ou “ocultas”, que envolvem reflexão e ação, decisões político-administrativas sistematizadas no órgão central da Educação, e as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola (SACRISTÁN, 2000).

Ainda sobre a complexa trama da construção do currículo escolar, Saviani (2006) nos fala sobre essas camadas nos seguintes termos:

A noção de currículo, desde a origem da aplicação desse termo à educação escolar, liga-se as ideias de: controle do processo pedagógico; estabelecimento de prioridades segundo as finalidades da educação, de acordo com o público a que se destina e com os interesses dos atores em disputa; ordenação, sequenciação e dosagem dos conteúdos de ensino. (p. 43)

A rotina escolar dentro de um Colégio Militar se dá de uma forma diferente das outras escolas de Educação Básica. Quando chegava, a acolhida era feita na quadra da escola com a cerimônia de apresentação das turmas, onde todos os alunos e militares da corporação estavam dispostos em ordem unida para informes e entoação de hinos. Após esse momento, os alunos iam para sala de aula esperar o professor (civil ou militar) dar início à aula.

Durante os anos dentro do Ensino Fundamental dos anos iniciais, os professores selecionados por meio de seleção pública estadual, tinham como formação principal a Licenciatura em Pedagogia, penso e julgo em caráter inicial que, por esse motivo e por nos considerar crianças pequenas, palavras preteridas por eles, tinham espaço e abertura para atividades planejadas para

além do livro didático. Tínhamos momentos de ir à biblioteca para uma leitura por deleite, podíamos brincar no parque, as professoras possuíam uma postura menos rígida conosco.

O resgate desse período me causa um certo desconforto, pois me parece que tínhamos uma divisão dentro da escola, em certos momentos éramos consideradas crianças como estudantes em formação e com uma liberdade que nos é inerente e, em outros, fomos tratadas como ‘crianças-soldados’.

Apesar dos esforços por parte das professoras em nos proporcionar momentos lúdicos, certas vezes, a prática do “castigo” era aplicada quando os alunos praticavam alguma indisciplina, como por exemplo, levantar-se do seu lugar sem autorização. Alguns desses castigos eram aplicados pelas professoras e outros pelos militares.

A ludicidade na infância ficava de lado e dava espaço a movimentos que não contribuía para o desenvolvimento integral dos alunos. Neste sentido, a ludicidade aqui não está somente no âmbito de atividades ou brincadeiras, mas em uma esfera ampla onde está presente o emocional, cognitivo, físico e espiritual, como Luckesi (2002) nos diz:

[...] quando estamos definindo ludicidade como um estado de consciência, onde se dá uma experiência em estado de plenitude, não estamos falando, em si, das atividades objetivas que podem ser descritas sociológica e culturalmente como atividade lúdica, como jogos ou coisa semelhante. Estamos, sim, falando do estado interno do sujeito que vivencia a experiência lúdica. Mesmo quando o sujeito está vivenciando essa experiência com outros, a ludicidade é interna; a partilha e a convivência poderá lhe oferecer, e certamente oferece, sensações do prazer da convivência, mas, ainda assim, esta sensação é interna a cada um, ainda que o grupo possa harmonizar-se nessa sensação comum [...]. [...] A descritiva comportamental individual ou coletiva, assim como os valores comunitários que sustentam esta experiência, compõem o entorno dessa sensação de experiência plena, a serem tratadas por outros âmbitos de conhecimentos [...]. (p. 31, 33).

Certas experiências nunca serão esquecidas, como quando toda a turma teve que marchar na rua, ao sol do meio-dia, por ter tido um comportamento indisciplinar de usar a quadra para futebol, sem autorização superior. Mesmo os que não tinham praticado a ação, teriam que participar pela prática de outros.

Em outras situações, quando a professora aplicava a correção de algum ato insatisfatório, como conversar em sala de aula, tínhamos que copiar páginas e, às vezes, capítulos inteiros de livros aleatórios que elas chamavam de ‘livro do castigo’. Muitas vezes tínhamos que apresentar a cópia antes de

irmos para o recreio, porque quem não terminava, tinha o direito do intervalo negado.

Os castigos na época dos meus pais eram de forma visível com palmadas, mas hoje, como Luckesi (1990 p. 134) aponta: “[...] ele se manifesta de outras formas, que não atingem imediatamente o corpo físico do aluno, mas sua personalidade, sendo, no sentido que Bourdieu fala, em seu livro *A reprodução*, uma "violência simbólica"”.

Tais episódios certamente deixam marcar profundas na psique e nas representações simbólicas que os estudantes adquirem sobre a docência, a partir de modelos educacionais no mínimo, questionáveis, sobretudo, quando confrontados com perspectivas mais humanistas de uma educação para liberdade, criticidade e autonomia.

3.2 As violências veladas

O ingresso no Ensino Fundamental anos finais foi marcada pelo início do meu adoecimento por conta da ansiedade, que ao passar dos anos foi piorando pelas práticas cometidas por alguns professores. A partir do sexto ano do Ensino Fundamental, a maioria dos meus professores eram militares, por julgamento superficial, em maior parte, tinha uma postura rígida, onde o respeito era construído à base do medo.

A partir do 6º ano, a rotina escolar era dividida em aulas durante o turno da tarde com os professores de suas respectivas licenciaturas. O Colégio Militar dos Bombeiros conta com uma ótima estrutura, tendo biblioteca, laboratórios para as áreas de biologia e química, sala para aula de música, quadras, piscinas. As aulas eram ministradas por civis e militares, planejadas a partir do uso do livro didático, geralmente sem espaço para exploração de atividades que usassem outras ferramentas para além do livro.

Percebi que os professores militares se prendiam a uma disciplina com os alunos que nos igualava a soldados. Tal concepção de disciplina foi muito bem descrita por Foucault, no livro *Vigiar e Punir*. O modelo predominante em muitas escolas era o da disciplinarização dos corpos e das mentes. A escola se institucionalizava como

(...) um espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar físico onde os menores movimentos são controlados onde todos os acontecimentos são registrados (...) (FOUCAULT, 1977, p. 174).

Esse tipo de vigilância permitia aos gestores e professores um controle mais eficaz sobre todos os espaços da instituição: corredor, banheiro, sala de aula, pátio etc. Essa perspectiva reverberava inclusive nas questões didáticas, não havia espaço para diálogos e, assim, a aula seguia seu curso, a apresentação do conteúdo por parte do professor, sem participação dos alunos para a construção do conhecimento, exposição da atividade e cópia do livro. Como recebíamos os livros didáticos e esses teriam a “vida útil” de 3 anos para serem reutilizados por outros alunos, não podíamos responder as questões no próprio livro, então, sempre havia o movimento de copiar as questões e as respostas no caderno.

Lembro-me de um professor de matemática, que era militar, e que no sexto ano começava a aula com arguição da tabuada. Ele chamava cada um na frente da turma para poder perguntar e quem errasse a resposta ficava em frente à sua cadeira em pé até o final das perguntas para toda a turma.

Ao longo do ano de 2007, ano que cursei o 6º ano, me sentia ansiosa a ponto de não conseguir almoçar para ir para o colégio nos dias em que a aula começava com este tal professor. Sentia-me sozinha, com medo e me perguntava se eu era a única diferente por me sentir daquela maneira, não podia recorrer aos meus pais, pois me sentia na obrigação de conseguir passar por aquilo pois não tinha a opção de sair daquela instituição.

As aulas se davam de maneira mecânica na maioria das vezes, nos negando o direito de ser sujeito ativo no processo de aprendizagem. Paulo Freire descreve esse tipo de educação, a qual ele nomeia de Educação Bancária, onde o professor toma a seguinte postura:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fixadores das coisas que arquivam. (FREIRE, 2020, p. 80-81).

Os anos seguintes, as práticas tomadas por professores que foram chegando e atravessando o meu caminho, não foram muito diferentes. Na

verdade, na minha visão, foram se tornando mais frequentes. Outro episódio que deixou uma marca na minha adolescência foi a prática, feita por diversos professores, de entregar as provas falando em voz alta as notas obtidas pelos alunos, elogiando quem alcançasse notas acima da média e criticando quem teria conseguido abaixo do esperado. Por muitas vezes, apesar de obter notas consideradas altas, me sentia constrangida e quando ouvia crítica, por não ter tirado a nota esperada, além de envergonhada, me sentia incapaz de alcançar o sucesso desejado por parte de meus professores.

A cada episódio deste tipo, minha autoestima ia diminuindo, ao ponto de me questionar se era boa suficiente para estar naquele espaço. Atitudes assim corroboraram para uma autocobrança de um nível que não deveria existir. Por outras vezes, o castigo nem era imposto, mas havia a construção de um ambiente de medo, tensão, por parte de professores e monitores (militares que circulavam pelo colégio para “organização” do espaço) ao ameaçar o castigo.

Quando a turma estava barulhenta, frases como “Vocês vão para casa com tarefa extra, irei fazer prova surpresa valendo ponto” ou por parte dos monitores “haverá revista surpresa, amanhã vocês passarão a tarde marchando sem recreio”, gerava ansiedade e medo constante.

Luckesi nos traduz esse sentimento com as seguintes palavras:

As atitudes ameaçadoras empregadas repetidas vezes garantem o medo, a ansiedade, a vergonha de modo intermitente. A postura corporal de defesa, que o aluno adquire, manifestada pela dificuldade de respirar enquanto fica na expectativa de ser o próximo da chamada, é uma expressão clara dessa tensão. A respiração presa parece um antídoto possível contra a catástrofe que está para desabar sobre ele. Pela forma mantêm-se permanentemente o medo, a tensão e a atenção. Atenção limitada, mas atenção. E a que preço! (LUCKESI, 1990b, p. 135)

Após alguns anos de psicoterapia, pude me reconhecer como uma criança ansiosa, ao ponto de vomitar após o almoço, antes de ir à escola, em semana de prova, por exemplo. Cobrança que construí por pressão da escola, já que, em casa, meus pais sempre foram compreensivos em relação à escola, sabendo que eu dava meu melhor desempenho nas questões acadêmicas.

O período de provas, para mim, era uma tortura, porque além de toda pressão que sofriamos por resultados positivos, a maioria das provas basicamente era de decorar páginas e capítulos inteiros de livro, sem espaço para discussão para que os alunos pudessem descrever o que tinham aprendido.

Quando os resultados saíam, alguns professores entregavam as provas ditando as notas para que toda a turma ouvisse, uma forma de constranger os adolescentes e aumentar a comparação e o espírito competitivo, já que a partir das notas, os alunos recebiam premiação em forma de patentes.

Assim, os alunos entravam em uma espécie de competição para receber a gratificação em uma cerimônia. Aqueles agraciados tinham a responsabilidade, em caráter militar, de apresentar a turma quando entrava em sala algum militar, e os alunos que estavam em patentes abaixo, precisavam assumir a posição de continência, como uma referência ao aluno de patente maior em destaque. Para mim, toda essa disposição que a educação tomava conta, tirava o caráter de singularidade dos alunos, tornando todos em um pelotão, sem características individuais respeitadas.

Outra situação que me incomodava bastante era quando algum professor faltava e, ao invés de ter algum substituto, a estratégia utilizada era de Ordem Unida. Passávamos o horário da aula marchando, momentos em que poderíamos ir para biblioteca ou grupo de estudos, mas, na maioria das vezes, quem tomava a posição de substituição eram os militares, sem nenhum cunho pedagógico. Uma das hipóteses levantadas é o fato de o corpo docente e a direção pedagógica da instituição serem constituídas por militares imbuídos de uma tradição rígida de controle e hierarquia. A militarização da escola vai além do lugar que deveria ocupar, o que prejudica e exclui as infinitas possibilidades que o colégio tem em desenvolver uma autonomia crítica, libertadora e criativa na vida de crianças e adolescentes.

A esse respeito, Pinheiro e Guimarães (2018) afirmam que os diretores das escolas militares estão a serviço do Governo do Estado, e ao abraçarem essa lógica, eles não são mais gestores democráticos devido à implantação na escola da mesma disciplina hierárquica dos quartéis. É exigida uma obediência incondicional que atinge todos os membros da comunidade escolar, mas especialmente os alunos.

4. À LUZ DA PEDAGOGIA: A BUSCA DE SENTIDO NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE

A Pedagogia não foi minha primeira formação. A entrada para a Universidade Federal do Ceará foi no ano de 2013, pelo curso de Zootecnia, tendo ingressado aos 17 anos e com o sonho romântico de me tornar Zootecnista para trabalhar com animais, área de que gosto muito. Os anos passaram, águas rolaram e a desilusão chegou.

Fui percebendo aos poucos que a profissão não se encaixava na minha vida, a realização pessoal não chegava e a realidade era que não conseguiria emprego tão cedo, foi aí que o aspecto financeiro falou mais alto. Comecei a estudar para o ENEM em 2017, passei para Pedagogia na UFC novamente e, em 2018, comecei o novo curso.

Cheguei em 2018 ansiosa para o meu futuro, conheci os colegas de turma, que também estavam felizes de começar a jornada, mas a minha ansiedade era de que minha vida poderia ter um rumo diferente a partir dali, enquanto eles estavam felizes de começar a vida universitária, o que não era mais novidade para mim, o foco era conseguir um estágio. O que não demorou, já no segundo semestre tive a oportunidade de ingressar em um espaço de acompanhamento pedagógico, foi a primeira vez que entrei em um ambiente pedagógico não como aluna, mas como professora.

Meu primeiro contato foi com crianças de 4 e 5 anos e eu achei que teria dificuldades, pois nunca tive afinidade com Educação Infantil, mas me enganei. Amei a experiência, a troca de aprendizagem, aprendi muito com eles e com o suporte da proprietária da instituição que vinha sempre me orientar, a melhor forma de falar com eles, de passar os meus conhecimentos, tudo que eu não esperava. Senti uma realização tão grande, por estar conseguindo alcançar minha meta e escrever isso, relembrar essa pequena conquista, é um lembrete tão importante de tudo que conquistei até hoje.

A satisfação é um estado emocional que implica diretamente em minha prática docente, assim, as condições de trabalho, autoestima, liberdade para criar no espaço pedagógico, foram estímulos que me permitiram seguir e persistir na carreira. No que tange à satisfação profissional dos professores, Cordeiro-Alves (1994) define-a como um sentimento e forma de estar positivo dos docentes perante a profissão, originado por fatores contextuais e/ou pessoais e exteriorizado pela dedicação, defesa e mesmo felicidade face à mesma.

A partir do começo da Graduação percebi que ser professora envolve muito mais do que dar aula na sala. Nas palavras de Freire, lemos “Me movo como educador porque primeiro me movo como gente” (1996, p. 106). Essa percepção se deu ao conhecer professores que mudaram meu olhar para trabalhar com crianças e, a partir disso, remodelar meu pensamento para professorar daí em diante. Desta forma, pude desenvolver um olhar crítico acerca da autorreflexão docente, memórias que compartilho a seguir.

4.1 Aos professores(as), com carinho!

Preciso dizer que tenho enorme gratidão ao corpo docente do curso de Pedagogia da UFC, cada um à sua maneira, deixou marcas importantes na minha personalidade enquanto professora. A primeira parte do curso se debruça sobre a teoria que baseia o curso, as Ciências Humanas, como filosofia, sociologia e psicologia. Não são disciplinas práticas, mas posso dizer que mesmo não sendo, me ajudaram a entender o que ser e fazer dentro da minha prática. A responsabilidade com o tempo do outro, a afetividade como meio de percussão para a aprendizagem, a presença genuína nos espaços, ouvir com atenção e respeito às demandas dos alunos, foram alguns dos ensinamentos que pude absorver com os professores das matérias que iniciam o curso.

A partir das oportunidades que surgiram ao longo do caminho, nas escolas que me receberam de braços abertos, fui construindo minha predileção pela faixa etária com a qual tive chance de trabalhar, contudo, à medida que as disciplinas iam ocorrendo, minha mente se embaralhou com tantos campos férteis que eu poderia enveredar.

A disciplina de Educação Infantil, ministrada pela professora Cristina Façanha, me fez apaixonar pelas crianças pequenas, com as quais eu achava que não tinha habilidade para trabalhar. O emblemático poema de Loris

Malaguzzi “As cem linguagens da criança”, foi um divisor de águas para mim, que até então havia trabalhado em espaços majoritariamente tradicionais, onde não era cultural escutar as crianças, respeitar seu tempo e individualidade.

A partir do estudo sobre a abordagem Reggio Emília, descobri uma Pedagogia onde a criança participa ativamente do seu processo de construção de aprendizado, o professor pode e deve ter um olhar sensível, ter uma escuta ativa e aprendi a importância da documentação da observação da turma. Assim nasceu em mim, o sentimento de que acreditava que a escola era uma comunidade que deve ser regida pelo sentimento de proporcionar o melhor para as crianças, em uma relação de respeito mútuo entre alunos, escola e família.

De acordo com Malaguzzi (1999, p. 76),

[...] essa espécie de abordagem revela muito sobre a nossa filosofia e nossos valores básicos, que incluem os aspectos interativos e construtivistas, a intensidade dos relacionamentos, o espírito de cooperação e o esforço individual e coletivo na realização de pesquisa. Apreciamos diferentes contextos, damos uma grande atenção à atividade cognitiva individual dentro das interações sociais e estabelecemos vínculos afetivos. [...] Deixamos verdadeiramente para trás uma visão da criança como egocêntrica, focalizada apenas na cognição e nos objetos físicos, cujos sentimentos e afetividade são subestimados e menosprezados.

Comecei o semestre de 2019 com algumas questões de adoecimento psicológico, estava fazendo estágio extracurricular e pensei em desistir da Faculdade. Ao final do semestre reprovei disciplinas por falta e tranquei algumas, mas dentro de um momento tão conturbado, encontrei a professora Ingrid Louback que lecionava a disciplina de Didática. O conteúdo por si só me encantou logo no início, pois a descoberta da existência das Tendências Pedagógicas muito além daquela tradicional que eu vivi como aluna, poderia me dar o suporte para pesquisar o que eu queria para uma educação diferente.

O que me marcou profundamente foi pelo olhar sensível e empático da professora, que se mostrou presente e disponível em um período tão delicado, quando contei das minhas limitações, ela se dispôs em me oferecer ajuda para não desistir, e assim fiz. Reprovei a disciplina, entretanto, no semestre seguinte estava de volta com a mesma professora. Não aprendi apenas o conteúdo programático da disciplina, mas na prática vivenciei a afetividade como meio condutor para o processo de aprendizagem.

Ribeiro (2010) enfatiza que a afetividade é importante na relação educativa, pois é pelo caminho afetivo que as aprendizagens cognitivas dos estudantes constroem. Sendo assim, os aprendizados se deram para além da sala. Tive a sorte de encontrar nesse percurso alguns professores que tiveram a humildade de partilhar tudo que tinham a mais do que qualquer assunto acadêmico.

Quando cheguei ao Estágio de Educação Infantil com a professora Eunice Menezes, estava com muitas expectativas. Apesar de estar atuando na Educação Infantil, mas dentro da rede privada, sabia que precisava da experiência da Rede Municipal. Quando vamos a campo, temos a expectativa de encontrar escolas em situações precárias, crianças desassistidas, professores cansados, essa é a imagem estigmatizada da educação pública da nossa cidade.

Desde o primeiro encontro, a professora Eunice buscou o resgate da nossa infância, para encontrarmos beleza nas pequenas coisas e humanizar o processo da educação. Fomos orientados a chegarmos às escolas com humildade e olhares atentos para aprendermos o máximo com aquela situação. Durante o estágio, o futuro professor passa a enxergar a Educação com outro olhar, procurando entender a realidade da escola e o comportamento dos alunos, dos professores e dos profissionais que a compõem. (JANUARIO, 2008)

Tive a sorte de estagiar, digo sorte porque os colegas da disciplina tiveram experiências diferentes da minha, em um CEI (Centro do Educação Infantil), novo que tinha um corpo docente comprometido em estudar e oferecer o melhor para as crianças. Fiquei em uma turma de Infantil 3, com uma professora sensível, atenta e humana, que enxergava para além de qualquer dificuldade trazida pelas crianças.

O CEI (Centro de Educação Infantil) Eurivá Matias, recém-inaugurado, tinha como proposta o ateliê, que proporcionava as expressões artísticas das crianças, suas individualidades e o senso estético. O brincar livre também fazia parte da rotina dos pequenos, entendendo a brincadeira como uma forma de linguagem das crianças. O brincar é uma ferramenta de importância subjetiva, indenitória e social, e também um modo de produção de saber na infância (VIANA; IMBRIZI; JURDI, 2017) .

Ali pude perceber e tomar para mim, a verdade de que devemos tratar as crianças, e por extensão qualquer estudante, de qualquer nível, segmento ou modalidade de ensino, com a responsabilidade de apresentar o mundo, a vida como currículo em si, independentemente de qualquer realidade familiar, respeitando suas histórias de vida.

Penso que fui agraciada com uma formação de qualidade enquanto estudante de graduação na FAGED/UFC. Posso afirmar que não aprendi só técnicas ou teorias, mas em sua maioria, os(as) professores(as) me ensinaram a enxergar a infância, a adolescência e os estudantes adultos, na sua plenitude, com suas potências e seus desafios, cujas intervenções docentes e pedagógicas podem fazer toda a diferença na educação desses indivíduos.

Foi assim que a minha memória catalogou a chegada da professora Luciane Goldberg na minha vida. Ela trouxe leveza, beleza e carinho na alma e tudo que puder ver e conhecer durante a disciplina de Educação Estética reverbera na minha prática atual. A importância de trazer a beleza para as crianças proporciona experiências estéticas, trabalhando todos os sentidos e emoções.

Essa experiência é definida por Guedes (2018), quando ressalta que podemos percebê-las no nosso cotidiano, não se limitando apenas em manifestações artísticas como pintura, dança ou teatro, por exemplo. Podemos enxergá-la na rotina, na natureza, na forma em como nos relacionamos. Entendemos como experiência o que nos acontece, nos passa, nos afeta (LARROSA, 2014), e ela é estética quando reverbera em nosso ser por inteiro, nos mobiliza, mexe com os sentidos, nos potencializa.

E esse rememorar, trazer à tona minhas memórias como quase uma documentação pedagógica da minha prática diária, só foi possível por ter cursado a disciplina de Autobiografia e Educação, ministrada pelo professor Ronaldo Almeida. Confesso que no começo foi até difícil acreditar que seria um instrumento tão potente para o fazer docente.

O ato de relembrar, escrever e refletir foi e é um processo cansativo, mas que trouxe muitas recompensas. Não que eu pense que a minha história tem a importância para servir de exemplo ou coisa do tipo, mas o exercício de ver em palavras algumas das minhas experiências, sendo revividas pela protagonista deste percurso, me faz acreditar que o passado e o presente estarão sempre de

mãos dadas, uma vez que aquilo que fui e vivi, reverbera no que eu sou hoje e me possibilita fazer projeções futuras.

E, para além de qualquer prazer de visitar certas memórias e doer com outras, faço da importância dessa ação, uma das principais ferramentas na construção do meu percurso docente. Josso nos convida à reflexão para atrelarmos o que era e será quando destaca:

Revisitar sua história, juntamente com o que guia, no momento presente, esta retrospectiva, para extrair dela o que pensamos ter contribuído para nos tornarmos o que somos, o que sabemos sobre nós mesmos e nosso ambiente humano e natural e tentar compreender melhor, é o primeiro desafio da pesquisa dos elos que nos deram forma. (JOSSO, 2006, p.376)

Dessa forma, o exercício diário de visitar meus anos como estudante, passando pela docência dos professores que atravessaram meu caminho, constitui a reflexão para o desejo de um ensino, que acima de qualquer objetivo, respeita a história de vida e as relações humanas que são construídas em sala de aula.

O curso de Pedagogia me preparou para lidar com gente. Gente de todo tipo, além de crianças, adolescentes e adultos, também os pais, mães, avós, irmãos. A comunidade escolar envolve muitas pessoas, e foi assim, com a disciplina de Direitos Humanos, ministrada pela professora Maria José Albuquerque, que aprendi a ver, respeitar e enxergar para além de raça, dinheiro ou cor, as pessoas que envolvem e estão no meu caminho.

Por essa razão, indiquei essa componente para todos que conheci, pois ensinar exige entrar em um lugar de empatia com o próximo, reconhecer que precisamos de humildade para lidar com o outro. Entender que a Educação é um direito básico, e nós, como professores, somos os porta-vozes de quem necessita. Todas essas componentes curriculares, deveriam ser obrigatórias para todos em professores em formação.

Há outras histórias exitosas ao longo da minha formação, que ficaram registradas na memória e no coração. Ao rememorar e refletir sobre meu percurso na Academia, posso concluir que o curso de Pedagogia da FACED/UFC me deu a oportunidade de ser a estudante que não pude ser quando criança e adolescente. Os(as) professores(as) me deram a chance de aprender a desenvolver de forma permanente: autonomia, criticidade,

criatividade, responsabilidade, e ver que merecemos ter o belo (em seu sentido mais amplo) no cotidiano, tanto na perspectiva das relações pessoais como nas relações profissionais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A romantização pela escolha da profissão docente é uma ideia vendida em larga escala, principalmente no Brasil. O professor tem a sua imagem vinculada ao esforço e precarização, é desta forma que a Educação é vista por boa parte da população brasileira. Então, o que faz o professor escolher a docência? Durante toda minha graduação esse questionamento se fez presente, o que é válido quando alguém está cursando um curso de nível superior. Entretanto, a pergunta é intrigante quando se insere na esfera da Educação, pois ser professor é uma profissão questionada quando escolhida, tornando-se uma curiosidade genuína.

Dito isto, a história de vida e sua narrativa reflexiva constituem ferramenta interessante para responder a essa curiosidade e, para além da reflexão, à descoberta da escolha de ser professora. O fazer docente tem respaldo nos momentos vividos durante toda uma vida que reverbera no cotidiano de uma sala de aula.

Percebo que através do instrumento da escrita autobiográfica, pude vivenciar, rememorar, refletir, criticar e discriminar o que devo ou não levar para a minha prática atual como professora. Sendo assim, tudo que vi, fiz e vivi tem importância direta na escolha das práticas que quero exercer e naquelas que irei descartar, dada a sua inutilidade.

Como forma de reflexão, e sem a pretensão de promover generalizações, (uma vez que tais análises são fruto exclusivamente da minha experiência pessoal aliada a discussão teórica escolhida), rememorar e problematizar o modelo pedagógico de um colégio militar, foi para mim, de certa forma, pôr em palavras algo que em meu inconsciente já fazia no cotidiano.

Reviver as memórias que causaram traumas na minha infância e adolescência, me coloca, atualmente, na posição de não praticá-las com meus alunos. Tais experiências de escolarização marcantes me impulsionam a defender, cada vez mais, um modelo educativo que possa ser acolhedor, crítico, autônomo, e de exercícios críticos de liberdade.

Os anos que cursei Pedagogia, não me formaram somente como professora, mas fizeram enxergar humanidade nas pessoas. Ouvi de um certo professor, que nos constituímos como educadores a partir de cada um que já nos ensinou, sendo pela reprodução ou não de seus atos, e foi assim que os professores do curso de Pedagogia me fizeram acreditar, refletir e analisar meu percurso de escolarização, formação inicial e projeções futuras para o magistério.

Concluo a Graduação com a certeza de que aprendi não só teorias, mas também me enxergar como professora, ser que ativamente muda a vida das pessoas. Sigo na defesa de um modelo de Educação que possibilite um espaço seguro, onde meus alunos possam se desenvolver com a liberdade de ser quem desejam, com a certeza de que encontrarão acolhimento e respeito para trilharem seus caminhos na construção de suas aprendizagens. A partir de todos esses aprendizados, levo para meus anos que se seguirão, dentro de sala de aula: humanidade, empatia, respeito e amor pela profissão.

6. REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam Fábila; TOSCHI, Mirza Seabra. A militarização das escolas públicas: uma análise a partir das pesquisas da área de educação no Brasil. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, Goiânia, v. 35, n.3, p.633-647, maio 2019. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S244741932019000300633&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17 set. 2023.

AMORIM, Márcia Camila Souza; NAVARRO, Elaine Cristina. A Afetividade na Educação Infantil. 2012. 7 p. **Interdisciplinar: Revista Eletrônica UNIVAR**. Disponível em:file:///C:/Users/danil/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/2%C2%B0%20Per%C3%ADodo%20de%20Pedagogia/Artigos%20afetividade/afetividade_educacao_infantil-with-cover-page-v2.pdf>. Acessos em 09 novembro. 2023.

ARAGÃO, M. .; FALEIRO, W. Castigos escolares: memórias, significações e práticas. **Enciclopédia Biosfera**, [S. l.], v. 11, n. 22, 2015. Disponível em: <https://conhecer.org.br/ojs/index.php/biosfera/article/view/1399>. Acesso em: 1 out. 2023.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. **Usos e abusos da história oral**, v. 8, p. 183-191, 1996.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 20 dez. 1996.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Lei nº 11274, de 06 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. 2006, 06 fev. 2006.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Lei nº 12999, de 14 de janeiro de 2000. Autoriza a criação de Colégios Militares na Polícia Militar do Estado do Ceará e no Corpo de Bombeiros Militar do Ceará e dá outras providências. Fortaleza, CE, 14 jan. 2000.

BRASIL. **Decreto nº 26052**, de 10 de novembro de 2000. Dispõe sobre a estrutura e o funcionamento dos colégios militares estaduais e dá outras providências. Fortaleza, CE, 13 nov. 2000. Seção 216, p. 26-29.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2004 (edição revista e atualizada).

CORDEIRO-ALVES, F. A (In)satisfação docente. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, 27, 29-60, 1994.

FORTALEZA. Francisco Albert Einstein Lima Arruda. Corpo de Bombeiros Militar do Ceará. **Regulamentos**. 2023. Disponível em: <https://www.cm.cb.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/62/2023/08/REGULAMENTO-DISCIPLINAR-CMCEB.pdf>. Acesso em: 17 set. 2023.

FOLLE, Alexandra; FARIAS, Gelcemar Oliveira; BOSCATTO, Juliani Daniel; NASCIMENTO, Juarez Vieira do. Construção da carreira docente em Educação Física: escolhas, trajetórias e perspectivas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 25-49, jan./mar. 2009.

FOULCALT, Michael. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 32.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 56. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. 103 p.

GUEDES, Adrienne Ogêda; FERREIRA, Michelle Dantas. Concepções de docência na educação infantil, arte e educação estética: percurso de investigações de um grupo de pesquisa. **Poiésis**, v. 12, n. 21, 2018.

JANUARIO, G. O Estágio Supervisionado e suas contribuições para a prática pedagógica do professor. In: **SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E INVESTIGAÇÕES DE/EM AULAS DE MATEMÁTICA**, 2, 2008, Campinas. Anais: II SHIAM. Campinas: GdS/FE-Unicamp, 2008. v. único. p. 1-8.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Prática escolar: do erro como fonte de castigo ao erro como fonte de virtude**. São Paulo: editora FDE, 1990.

MALAGUZZI, Loris. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MARQUES, Luciana Pacheco, MARQUES, Carlos Alberto. Dialogando com Paulo Freire e Vygotsky sobre educação. **Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED)** 29 (2006).

NEVES, J. G. Cultura Escrita e Narrativa Autobiográfica: Implicações Na Formação. In: CAMARGO, M.R., org., SANTOS, VCC. colab. **Leitura e escrita**

como espaços autobiográficos de formação [online]. DOCENTES São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/zz66x/pdf/camargo-9788579831263-09.pdf>. Acessado em: 17 de nov. 2023.

PINHEIRO, Veralúcia; GUIMARÃES, Ged. A educação na sociedade da mercadoria: a questão dos Colégios Militares e as Organizações Sociais em Goiás. **Perspectivas em Diálogo** – Educação e Sociedade. V. 5, nº 9, p. 253-268, jan.- jun. 2018.

RIBEIRO, Marinalva Lopes. A afetividade na relação educativa. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 27, p. 403-412, 2010.

SACRISTÁN, J. G. **O Currículo: uma Reflexão Sobre a Prática.** Trad. Ernani F. da Rosa. 3ª. Ed. Porto Alegre: Art. Méd, 2000.

SAVIANI, D. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política.** 33. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações.** 6ª Edição. Coleção Polemicas do Nosso Tempo. Campinas: Editora Autores Associados, 1997.

SAVIANI, N. **Saber Escolar, Currículo e Didática: problemas da unidade conteúdo/método no processo pedagógico.** 5ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

SOARES, Ilma Fernandes; BEJARANO, Nelson Rui. Crenças dos professores e formação docente. **Revista da Faced**, Salvador, n. 14, p. 55-71, jul./dez. 2008.

VIANA, C. V. A.; IMBRIZI, J. M.; JURDI, A. P. S. Narrativas sobre o brincar: aproximação da experiência infantil. **Psicol. Soc.**, 2017, vol.29. ISSN 0102-7182.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.